
O Papel das Mídias Alternativas na Defesa da Democracia no Brasil: um Estudo de Caso da Mídia Ninja¹

Rayane Aline Pereira LOPES²

Riverson RIOS³

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

Qual o papel das mídias alternativas para a construção da democracia no Brasil? Como essa imprensa atuou na defesa de direitos essenciais para nossa sociedade ao longo do tempo? O presente artigo pretende responder esses questionamentos, bem como analisar através de uma pesquisa bibliográfica o relacionamento entre democracia, povo e o jornalismo alternativo. Para ilustrar o funcionamento dos meios de comunicação alternativos na atualidade será tomado como objeto de estudo a Mídia Ninja, que ocupa lugar de destaque dentre as mídias alternativas nativas digitais, que também serão abordadas no decorrer do texto. Ao término da análise, constatamos que há uma relação intrínseca entre os ideais que motivaram o surgimento do jornalismo e a função hoje desempenhada pelo jornalismo alternativo.

PALAVRAS-CHAVE: mídia alternativa; democracia; movimentos sociais; Mídia Ninja.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história, as mídias alternativas – como pequenas redações jornalísticas independentes, rádios comunitárias e mais recentemente canais no Youtube, blogs, podcasts e perfis em redes sociais – que tem como principal característica uma construção narrativa divergente dos valores contidos na mídia tradicional, representaram, e representam até os dias atuais, um papel fundamental para a manutenção da democracia e a reivindicação de direitos sociais.

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Aluna do primeiro semestre de Jornalismo na Universidade Federal do Ceará - UFC, e-mail: rayanelopesmb@gmail.com

³ Orientador do trabalho e professor do Curso de Jornalismo da UFC, e-mail: riverson@ufc.br.

Os primeiros alternativos brasileiros surgiram ainda no século XIX, divulgando informações e ideias sobre a abolição da escravatura e também acerca das organizações e direitos dos operários nos sindicatos trabalhistas. A luta da mídia alternativa também esteve presente em um dos momentos mais sombrios da história do Brasil, a Ditadura Militar, lutando bravamente contra a censura e a repressão pela volta da democracia. Embora após a ditadura a disseminação nacional das mídias alternativas tenha se enfraquecido, elas nunca sumiram de fato, estando presentes em jornais e rádios comunitárias. Diante da revolução tecnológica, a última década representou um momento de crescente ascensão para as mídias alternativas nativas digitais no país (HAUBRICH, 2017).

Há um relacionamento intrínseco entre os movimentos sociais e a democracia, onde a mídia e a comunicação alternativa representam um espaço de luta das populações subalternas por transformações sociais e melhoria nas condições de vida. É através desses canais que as comunidades e grupos excluídos podem exercer participação cidadã, contribuindo para uma sociedade mais plural e democrática. O povo se faz protagonista dentro dessas mídias e por intermédio delas se comunica com o mundo, revelando suas dores e os problemas sociais inerentes a espaços marginalizados. Portanto, os meios de comunicação alternativa são essenciais para que as denúncias que não são feitas nas mídias convencionais sejam expostas a todos (PERUZZO, 2006). Diante de tantas desigualdades, preconceitos e injustiças que são constantemente omitidas pela grande mídia, como seria possível a alteração dessas estruturas de poder que estão há tanto tempo arraigadas na sociedade brasileira? Não parece uma resposta fácil, mas é o que essa pesquisa tentará compreender.

Para este artigo foi utilizado o método de pesquisa exploratória que foi feita por meio de uma revisão bibliográfica, onde artigos e livros de autores especializados em comunicação e história do jornalismo foram analisados. Além disso, foi feito também um estudo de caso do grupo de jornalistas independentes Mídia Ninja, com o propósito de responder qual a importância e o papel das mídias alternativas na defesa da democracia e dos direitos sociais. Pretendemos, ainda, refletir o momento de maior efervescência da imprensa alternativa, que se deu durante a Ditadura civil-militar (KUCINSKI, 2001), fazendo um paralelo com o papel das mídias alternativas nativas digitais – que tem os mesmos ideais da mídia alternativa, porém agora em formatos digitais – na atualidade,

que visam combater as irresponsabilidades e a corrupção governamental, o desmantelo da saúde e educação, assim como defender os grupos minoritários através de suas pautas.

O artigo está dividido em três seções. A primeira aborda a história das mídias alternativas no Brasil, a segunda discute a relação entre o jornalismo alternativo e o jornalismo nascido dos ideais iluministas na França e a terceira e última seção disserta como estão estruturadas as mídias alternativas na atualidade, com foco na atuação do grupo de jornalistas independentes que compõem a Mídia Ninja.

1. Uma história marcada por censura e resistência

A mídia alternativa surgiu ainda no início do século XIX, pregando e difundindo ideais abolicionistas e em defesa de melhores condições trabalhistas para os operários urbanos. Ao contrário da imprensa tradicional que sempre esteve aliada às elites e aos seus interesses, tinha como principal característica o caráter contra hegemônico que lutava em prol dos grupos que não estavam no poder e que formavam a base da pirâmide social, se constituindo como uma importante aliada desses movimentos (HAUBRICH, 2017).

Entretanto, foi entre os anos de 1964 a 1985 que se deram os momentos de maior notoriedade da mídia alternativa no cenário nacional. No ano de 1964 se instaurou no Brasil a Ditadura Militar, que nos próximos 21 anos mudaria a dinâmica e história não só do jornalismo brasileiro, mas de todo o país. Retirando a liberdade de expressão, censurando e sufocando qualquer foco de revolta popular contra o governo. Progressivamente o regime retirava os direitos garantidos pela constituição, instaurando um total de 17 Atos Institucionais (AI). Dentre todos, o mais repressivo e antidemocrático foi o AI-5, que decretava o fechamento do congresso e ordenava a presença dos censores dentro das redações jornalísticas, decidindo o que poderia ou não ser publicado nos veículos de comunicação (CARVALHO, 2018).

O regime militar anulou os direitos por liberdade de expressão, controlando tudo que saía das redações. “O governo tinha controle total sobre os meios de comunicação. Era proibido qualquer que fosse a exposição da verdade do que acontecia no país. Era necessário manter a falsa ideia de que tudo estava em ordem e que o país estava seguro” (CARVALHO, 2018, p.5).

A repressão e a censura mascaravam a realidade brasileira, ameaçando, torturando e até mesmo assassinando qualquer um que se posicionasse de forma contrária ao regime

militar (CARVALHO, 2018). Segundo o relatório da Comissão de Anistia do Ministério da Justiça, mais de 50 casos de jornalistas perseguidos na época da ditadura foram comprovados, além disso, há uma estimativa que aproximadamente 20 jornalistas foram assassinados pelo regime militar (NASCIMENTO, 2014).

Por outro lado, “É justamente no período considerado de maior censura no Brasil, quando são identificadas as principais iniciativas alternativas jornalísticas na história do Brasil” (CARVALHO, BRONOSKY, 2017, p.30). Mais de 150 periódicos alternativos lutaram pela democracia e contra a censura imposta pelo regime. A imprensa alternativa se levantou para suprir a necessidade social da informação. Símbolo de resistência e revolução, a imprensa nanica⁴ lutou bravamente contra a censura e a repressão militar, informando através da arte, do humor e de uma crítica sutil e aguçada (KUCINSKI, 2001).

Em contrapartida, a grande mídia passou a praticar a autocensura, evitando falar de qualquer assunto que se referisse negativamente ao governo. Desse modo, a população que não tinha nenhum acesso à mídia alternativa vivia em uma realidade manipulada, sendo levada a acreditar que o país vivia em um regime de constante progresso econômico e social (CARVALHO, 2018).

Durante todo esse período a mídia alternativa tinha o dever de lutar pela democracia, através da denúncia à censura e ao autoritarismo imposto pelo regime ditatorial. Mostrando a realidade brasileira de um regime antidemocrático e opressor, que era omitida pela imprensa tradicional. Dessa forma, diversos jornalistas se organizaram de forma independente e formaram redações em oposição ao regime em todo país (PERUZZO, 2006). A seguir podemos observar alguns alternativos que se destacaram nesse período:

A imprensa alternativa representada pelos pequenos jornais, em geral com formato tabloide, ousava analisar criticamente a realidade e contestar um tipo de desenvolvimento. São exemplos, o PIF-PAF, lançado em 1964; Pasquim (1969); Posição (1969); Opinião (1972); Movimento (1975); Coojornal (1975); Versus (1974); De Fato (1975); Extra (1984), entre outros. (PERUZZO, 2006, p.7).

Os jornais alternativos buscaram durante todo o período ditatorial a restauração da democracia e a garantia dos direitos que asseguravam a liberdade de expressão. Mesmo sob constante ameaça e repressão, faziam duras críticas ao governo, de forma sagaz,

⁴ A expressão se refere ao tamanho e à estrutura das redações das mídias alternativas, que eram bem menores se comparadas aos grupos dominantes de comunicação.

irreverente e bem-humorada. Construindo assim um verdadeiro legado de resistência (KUCINSKI, 2001). Conscientizando a população geral, abrindo espaço para revoltas e protestos sociais e tornando possível a alteração das estruturas de poder vigentes naquele período (PERUZZO, 2006).

Embora a luta dos jornais alternativos por liberdade de expressão como direito fundamental, instigando a sede por transformações sociais e democracia tenha surgido no Brasil com abolição da escravatura e as lutas operárias, ela remonta a um momento histórico ainda mais distante, levando esta pesquisa para o berço do jornalismo, a Revolução Francesa e os ideais iluministas (OLIVEIRA, 2005), que serão melhor discutidos na seção a seguir.

2. O jornalismo alternativo e a retomada dos ideais revolucionários

O jornalismo surgiu em meio aos ideais iluministas que foram amplamente disseminados durante a Revolução Francesa. Seu papel era de difundir ideias, provocar debates, denunciar a nobreza e incentivar a mobilização popular para que pudessem mudar as estruturas sociais da França de 1789. Entretanto, ao longo do tempo o caráter revolucionário foi deixado de lado e substituído por uma lógica comercial. A mídia tradicional passou a se aliar às classes dominantes e seu conteúdo passou a refletir os interesses dos grupos hegemônicos (OLIVEIRA, 2005).

Esse jornalismo nascido em tempos de transformação social e ânsia por novidades deveria ter como principal função a sintonização da sociedade com a realidade, informando os indivíduos acerca do seu ambiente e dos problemas sociais que o circundam. Pois, apenas assim, seria possível uma formação cidadã responsável que encorajasse a mobilização popular na luta por direitos e na construção de uma sociedade menos preconceituosa e mais justa (MELO, 1991). Todavia, por atuar em prol de interesses comerciais dos detentores dos meios de produção, o jornalismo que hoje domina o mercado, informa apenas parcialmente, veiculando apenas notícias que não gerem insatisfações com as ordens sociais vigentes, assim como acontecia durante a ditadura militar (OLIVEIRA, 2009).

Nessa perspectiva, os grandes conglomerados de mídia apresentam informações enviesadas e deixam de abordar os fatos de forma plural. Para o professor, doutor em comunicação e semiótica José Karam é essencial que todo indivíduo tenha o direito social à informação diversificada, que respeitem diversos pontos de vistas, culturas e percepções

de mundo. “A diversidade de fontes que expresse a pluralidade social é indispensável para formar a compreensão do presente e permitir a intervenção mais consciente no futuro” (KARAM, 1997, p.15). Assim, sob um viés voltado para indústria cultural⁵, o jornalismo deixa de englobar as percepções dos mais diversos grupos sociais que compõe a sociedade, ganhando um teor alienante e voltado para o consumo.

O pensamento da imprensa alternativa busca ir na contramão dos ideais de consumo da indústria cultural. Enxergando o receptor não como um consumidor, mas como uma figura subjetiva, plural e que necessita se atualizar acerca de seu ambiente para exercer seu papel cidadão. (OLIVEIRA, 2009). Para Dennis de Oliveira:

[...] o jornalismo alternativo aponta para a construção de uma esfera pública alternativa em que a diversidade cultural, política, ideológica seja a tônica. Neste sentido, os novos protagonismos midiáticos, ao contrário de ser algo que retira a legitimidade e o monopólio da novidade, é potencializador desta nova esfera pública (OLIVEIRA, 2009, p.8).

Dessa forma, a mídia alternativa emerge como uma possibilidade diferente às narrativas dominantes, mostrando as lutas de grupos marginalizados e dando voz e espaço às figuras subalternas. Na visão de Peruzzo (2006) a mídia alternativa na América Latina surge como a representação das reivindicações populares e movimentos sociais. “Essa ação tem caráter mobilizador coletivo na figura dos movimentos e organizações populares, que perpassa e é perpassada por canais próprios de comunicação.” (PERUZZO, 2006, p.2).

Assim, o que move o jornalismo alternativo é a necessidade de difundir informações sobre e para grupos historicamente excluídos pela classe dominante. Consequentemente as mídias alternativas transformam a realidade através de seu discurso, denunciando aquilo que a grande mídia não mostra, defendendo as minorias e a periferia. Com isso, a informação plural e diversificada tem a possibilidade de chegar em toda a sociedade através de canais não tradicionais (HAUBRICH, 2015).

A mídia alternativa é a porta-voz da comunicação popular. Para exemplificar isso, a doutora em comunicação Cicilia Maria Krohling Peruzzo conceitua que:

⁵ A indústria cultural foi conceituada por Theodor Adorno e Max Horkheimer no início do século XX. O conceito analisa o modo de produção da cultura sob um viés capitalista, onde há uma produção de massa para gerar mais lucratividade, assim como em fábricas e indústrias. Da mesma forma, esses canais de disseminação cultural passaram a reproduzir um teor alienante que instigava a população ao consumismo (EDUCA MAIS BRASIL, 2020).

Historicamente o adjetivo popular denotou tratar-se de “comunicação do povo”, feita por ele e para ele, por meio de suas organizações e movimentos emancipatórios visando à transformação das estruturas opressivas e condições desumanas de sobrevivência (PERUZZO, 2006, p.2).

Essa característica inerente ao jornalismo alternativo, de representar o grito popular em busca de transformações sociais, tem uma relação intrínseca com a construção da democracia, sob a análise de Jucá (2007, p.12) “A mobilização social, nessa perspectiva, apresenta-se como meio de canalizar a vontade do povo e realizar o Estado Democrático de Direito, propiciando o fortalecimento de uma cultura democrática e a prática dos ideais republicanos”.

Consoante a essa ideia, conforme o professor livre-docente em jornalismo Dennis de Oliveira, o jornalismo alternativo resgata os ideais revolucionários que foram fundamentais para a construção das sociedades democráticas da atualidade: “[...] o que motiva a prática do jornalismo alternativo é a democracia no seu sentido mais radical, em todos os aspectos, referenciada no ideal utópico de plena liberdade do Iluminismo.” (OLIVEIRA, 2009, p.5).

Em síntese, é com esse ideal que a imprensa alternativa atua, com o propósito de levar informação de forma plural e sintonizar os mais diversos grupos à realidade. Se caracterizando por um teor muito diverso, levando informação e cultura de uma forma leve, lúdica, descontraída e até mesmo divertida, mas não menos consciente e politizada (PERUZZO, 2006). Esse tipo de fazer jornalístico pode ser facilmente encontrado dentro dos espaços digitais, onde críticas sociais são tecidas através de charges, vídeos humorísticos – no reels, Tik Tok e Youtube – tirinhas satíricas, memes e debates populares.

3. A Mídia alternativa na era digital

A comunicação alternativa atualmente está presente em diversas áreas da mídia, rádio, televisão e principalmente na internet. A democratização dos meios de comunicação ocorre de forma lenta – se considerado o espaço e a hegemonia dos grandes conglomerados de mídia – entretanto, é cada vez mais perceptível a presença de canais de mídia alternativos e independentes no país. (PERUZZO, 2006). É sob esse cenário que nascem as mídias nativas digitais em canais no YouTube, blogs, podcasts e perfis em redes sociais como Instagram e Twitter. Dentre esses perfis vem se destacando a Mídia

NINJA⁶ (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação) que busca fornecer através das redes uma cobertura jornalística de qualidade e comprometida com a população.

Embora a mídia tradicional ainda seja predominante no Brasil, as mídias alternativas vêm ganhando cada vez mais espaço e visibilidade diante do crescimento do uso da internet nos últimos anos. Segundo dados do IBGE⁷ (2019), 82,7% dos domicílios brasileiros possuíam acesso à internet no ano de 2019, e isso significava um crescimento percentual de 3,6 em relação ao ano de 2018 (GOVERNO FEDERAL, 2018). Esses dados associados à pesquisa levantada pelo projeto A conta dos Passaralhos⁸ – com estatísticas fornecidas pelo Volt Data Lab – apontam um número crescente de demissões de jornalistas ocorridos na mídia tradicional entre os anos de 2012 a 2018 e somam um total de mais 7.817 jornalistas demitidos, e isso os leva a procurar novas oportunidades nos espaços digitais, se associando às mídias independentes, que fornecem mais liberdade de produção e que geralmente atuam na contramão do interesses representados pelos meios tradicionais de comunicação (HIPERMÍDIA, 2019). Conseqüentemente as mídias alternativas se expandem na medida que geram novos empregos e novas narrativas para a sociedade.

O surgimento de novas redes de informação nativas digitais trouxe o fortalecimento e aprimoramento das mídias alternativas, bem como aumentou exponencialmente a abrangência do público que teria acesso a pautas minoritárias. O que antes só poderia atingir um grande público se estivesse disponível em meios tradicionais de comunicação (jornal impresso, televisão e rádio), agora poderia estar disponível para todos, de uma forma muito mais acessível e rápida (OLIVEIRA, GRILLO, SANTIAGO, 2019), oferecendo assim, oportunidades para debates e novos horizontes de ideias através desse novo cenário que vem sendo delineado pelos espaços online. (HAUBRICH, 2015).

O jornalismo alternativo nativo digital hoje traz à sociedade uma forma diferente de disseminar informação, com pautas que tratam de uma realidade pouco divulgada, fazendo com que as vozes da comunidade ecoem por onde houver conexão via internet (CARVALHO, BRONOSKY, 2017). Essa mudança pode ser conceituada no livro *Era pós-PC: A nova tessitura da narrativa jornalística na web*: “A popularização dos dispositivos móveis de comunicação ligados a redes de alta velocidade alterou a forma

⁶ Disponível em: <https://midianinja.org/>. Acesso em: 21 de julho de 2021.

⁷ Disponível em: <https://is.gd/qwFdp>. Acesso em: 02 de agosto de 2021.

⁸ Disponível em: <https://passaralhos.voltdata.info/index.html>. Acesso em: 02 de agosto de 2021.

como se faz e consome informação jornalística.” (CANAVILHAS; BACCIN; SATUF, 2017, p. 317).

Além disso, diferentemente de outros momentos da história⁹, dessa vez a internet possibilita que a informação possua baixo custo de produção – não precisa ser produzida em um estúdio de tevê ou de rádio, nem ser vendida através do jornal impresso – e poderia apresentar um crescimento orgânico da audiência nas redes, viabilizando a sustentação financeira do projeto e dos jornalistas envolvidos (CARVALHO, BRONOSKY, 2017).

É nessa conjuntura que ascendeu um dos canais de mídia alternativa mais conhecidos no Brasil. A Mídia NINJA (figura 1) passou a ganhar grande destaque em meio à cobertura veiculada através das redes sociais dos protestos ocorridos no ano de 2013, marcados por reivindicações contra o aumento da passagem de ônibus, bem como, contra a realização da copa do mundo que viria a se realizar no ano de 2014 (OLIVEIRA, GRILLO, SANTIAGO, 2019).

Figura 1 – Print screen da página inicial da Mídia Ninja



Fonte: Mídia Ninja¹⁰

Além de sua rapidez e instantaneidade na atualização de informações, a rede de jornalismo independente também tem como característica marcante a atuação em meio às reivindicações populares, ao mesmo tempo em que faz a cobertura midiática para o Brasil

⁹ A exemplo da ditadura, que os jornais alternativos entraram em ascensão, todavia após a redemocratização se viram diante de drásticas impossibilidades de manter seus projetos financeiramente. Concorrendo diretamente com os grandes conglomerados de mídia, os alternativos foram enfraquecidos.

¹⁰ Disponível em: <https://midianinja.org/>. Acesso em: 01 de agosto de 2021.

inteiro. Esse formato logo passou a se difundir dentro das redes (OLIVEIRA, GRILLO, SANTIAGO, 2019). Ainda no ano de 2013 a jornalista Lilia Diniz, do observatório da imprensa, descreveu a Mídia Ninja da seguinte forma:

Das ruas para a rede, ao vivo e sem cortes. Munidos de um telefone celular, uma conexão 3G e a promessa de um olhar diferente da mídia convencional, integrantes do coletivo Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação, o Mídia Ninja, querem estar onde a grande imprensa não chega. Os protestos que tomam as cidades brasileiras há cerca de dois meses turbinaram a audiência do grupo, que chegou a ter picos diários de 150 mil acessos (DINIZ, 2013, online).

A rede de jornalistas independentes constrói um jornalismo alternativo à grande mídia, priorizando pautas na defesa dos direitos das minorias. Além disso, atua diretamente na formação de uma sociedade democrática, informando a realidade de forma plural, alertando acerca das injustiças sociais e manobras políticas que possam desfavorecer o povo (OLIVEIRA, GRILLO, SANTIAGO, 2019).

Assim como a Mídia Ninja, diversas outras impressas alternativas estão se formulando e ganhando espaço dentro das plataformas online, esses canais independentes representam uma nova forma de fazer jornalismo, interagindo diretamente com o público, garantindo a rapidez e a dinamicidade das informações (OLIVEIRA, GRILLO, SANTIAGO, 2019).

O grupo que forma a Mídia Ninja compreende que apenas através da união entre os canais de jornalismo independente que se pode haver uma mudança significativa na luta contra hegemônica com a indústria cultural (MÍDIA NINJA, 2019). Nesse sentido, a democracia se fortalece na medida em que esses grupos atuam em conjunto em prol da classe trabalhadora.

O coletivo Ninja trabalha viabilizando o diálogo entre os diferentes grupos que constituem a sociedade. Usam seu poder midiático para abordar pautas em defesa da cultura, educação, dos povos indígenas, quilombolas, da comunidade LGBTQI+, meio ambiente, comunidades periféricas dentre outras causas. “A Mídia NINJA objetiva difundir a comunicação independente, visando em primeiro lugar a sociedade, e incentivando, por meio de suas pautas e critérios de noticiabilidade, a educação, a cultura e a democracia.” (OLIVEIRA, GRILLO, SANTIAGO, 2019, p.14). Com isso, geram consciência na população em geral acerca de pautas que não são abordadas pela grande mídia (OLIVEIRA, GRILLO, SANTIAGO, 2019). Assim, formando cidadãos mais

conscientes para que possam atuar na construção de uma sociedade mais consciente de suas ações e mais justa, como idealizava (KARAM, 1997).

Considerações finais

Após as discussões aqui expostas, podemos compreender a importância das mídias alternativas para a sociedade e como as transformações sociais podem acontecer através da comunicação e da mobilização popular. Tanto ao longo da história, como na atualidade, a mídia alternativa desafia os poderes vigentes em busca de mudanças, sempre com o objetivo de restauração e fortalecimento da democracia, resgatando ideais que deveriam pertencer ao jornalismo, mas que se perderam em meio a uma sociedade movida pelo capital e por uma rede de interesses.

Dessa forma, é notória a presença de um embate entre a grande mídia e a mídia alternativa, na maioria das vezes vence a mais forte, a com maior poder aquisitivo “A forte concentração da propriedade dos meios de comunicação dificulta passos mais largos em direção a uma mídia alternativa forte e a uma comunicação democrática” (HAUBRICH, 2015, p.12). Entretanto isso não significa que a imprensa alternativa irá se calar ou aceitar inerte as desigualdades ou a opressão. Atualmente ela volta a ascender junto com uma nova era, que promete trazer mudanças significativas para essas lutas através das redes sociais. Essa disputa de narrativas ainda carece de maiores estudos e observações que podem ser desenvolvidos tendo como ponto de partida o presente artigo, investigando mais a fundo como se comportam as duas mídias e como elas representam de forma indireta a luta de classes.

Também ficou claro que nos momentos mais difíceis da história, a mídia alternativa se faz presente, lutando bravamente contra regimes escravocratas, contra exploração de trabalhadores e contra regimes opressores e potencialmente fascistas. Divulgando o outro lado da narrativa contada pela grande mídia e propagando ideais revolucionários. Se tornou uma importante aliada em todas essas lutas, transformou e continuará transformando a sociedade com o poder da informação e sobretudo da comunicação.

Os alternativos resistem, lutam com a força do povo – pois o povo que o faz – vislumbrando equidade, saúde, educação e comida no prato. A força dos alternativos vem de milhares de vozes que por anos foram silenciadas, o grito explodiu e agora ecoa nas comunidades, nas redes e por todos os lugares. Há nos jornais alternativos um ar de

revolução, mas isso é apenas o jornalismo em sua mais pura essência, os alternativos resgataram a ideia central do jornalismo e com isso tentam transformar as ordens sociais e as consciências individuais. Nesse sentido, cabe aos pesquisadores de comunicação e jornalismo aprofundar ainda mais esses estudos acerca do resgate dos ideais iluministas através dos jornais alternativos, bem como, a transformação social que esses ideais podem possibilitar por meio de sua disseminação.

REFERÊNCIAS

- Brasil de Fato. **Mídias alternativas unidas pela democracia**, 26 de nov. 2018. Geral. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2018/11/26/midias-alternativas-unidas-pela-democracia>>. Acesso em: 25 de julho de 2021.
- CANAVILHAS, J.; BACCIN, A.; S., Ivan. **Era PÓS-PC: a nova tessitura da narrativa jornalística na web**. In: PEIXINHO, Ana Teresa; ARAÚJO, Bruno. *Narrativa e Media: gêneros, figuras e contextos*. Coimbra: Coimbra University Press, 2017.
- CARVALHO, N. L. **O Pasquim: Um Jornal Que Não Se Vende A Não Ser A Seus Leitores**. Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, promovido pela INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Juazeiro – BA, 2018. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2018/resumos/R62-0949-1.pdf>>. Acesso em: 13 de julho de 2021.
- CARVALHO, G.; BRONOSKY, M. **Jornalismo alternativo no Brasil: do impresso ao digital**. Pauta Geral – Estudos em jornalismo, vol. 4, n.1, p.21 -39, jun. 2017. Disponível em: <<https://revistas2.uepg.br/index.php/pauta/article/view/10007>>. Acesso em: 20 de julho de 2021.
- DINIZ, L. O jornalismo em tempo real da mídia ninja. **Observatório da Imprensa**. 01 de ago. de 2013. Imprensa em questão. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/o_jornalismo_em_tempo_real_da_midia_ninja/>. Acesso em: 23 de julho de 2021.
- EDUCA MAIS BRASIL. **O que é Indústria Cultural**, 28 de jan. de 2020. Dicas. Disponível em: <<https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/dicas/o-que-e-industria-cultural>>. Acesso em: 27 de julho de 2021.
- FUD – Federação Única dos Petroleiros. **Fórum Mundial de Mídia Livre na Tunísia discute direito à comunicação**. 23 de mar. de 2015. Disponível em: <<https://www.fup.org.br/ultimas-noticias/item/15755-forum-mundial-de-midia-livre-na-tunisia-discute-direito-a-comunicacao>>. Acesso em 23 de julho de 2021.
- GOVERNO FEDERAL. **Pesquisa mostra que 82,7% dos domicílios brasileiros tem acesso à internet**. 14 de abr. de 2021. Ministério das Comunicações, Notícias e Conteúdos. Disponível em: <<https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2021/abril/pesquisa-mostra-que-82-7-dos-domicilios-brasileiros-tem-acesso-a-internet>>. Acesso em: 01 de agosto de 2021

HAUBRICH, A. **Reflexões e Caracterizações sobre Mídias Alternativas.** Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, promovido pela INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Rio de Janeiro – RJ, 2015. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3951-1.pdf>>. Acesso em 24 de julho de 2021.

HAUBRICH, A. **O megafone das lutas populares: a história da mídia alternativa no Brasil.** Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XVII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, promovido pela INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Curitiba, 2017. Disponível em <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0985-1.pdf>>. Acesso em: 25 de julho de 2021.

HIPERMÍDIA. **Jornalistas independentes: um novo modelo de imprensa.** 23 de maio de 2019. Disponível em: <<http://hipermidia.unisc.br/portal/jornalismo-independente-um-novo-modelo-de-imprensa/>>. Acesso em: 02 de agosto de 2021.

JUCÁ, R. L. C. **O direito fundamental à participação popular e a consolidação da democracia deliberativa na esfera pública municipal.** Dissertação (Mestrado em Direito Constitucional) – Centro de Ciências Jurídicas, Universidade de Fortaleza, Ceará, p.12, 2007. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/teste/arqs/cp041636.pdf>>. Acesso em 27 de julho de 2021.

KARAM, F. J. **Jornalismo, ética e liberdade.** São Paulo: Editora Summus Editorial, 1997. KUCINSKI, B. **Jornalistas e Revolucionários nos tempos da imprensa alternativa.** Página Aberta Ltda, 1991.

MELO, J. M. **Indústria Cultural, Jornalismo, Jornalistas.** Trabalho apresentado ao XVI Congresso Brasileiro de Pesquisadores da Comunicação, promovido pela INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Porto Alegre, 1991. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/1320/1269>>.

MÍDIA NINJA. **Quem somos.** [S.I]. Quem somos. Disponível em: <<https://midianinja.org/sobre/>>. Acesso em 23 de julho de 2021.

MÍDIA NINJA. **Perguntas Frequentes.** [S.I]. Quem somos. Disponível em: <<https://midianinja.org/perguntas-frequentes/>>. Acesso em: 23 de julho de 2021.

NASCIMENTO. L. Fenaj recebe relatório sobre jornalistas perseguidos na ditadura. **Agência Brasil**, Brasília, 06 de nov. de 2014. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-11/fenaj-recebe-relatorio-sobre-jornalistas-perseguidos-na-ditadura>>. Acesso em: 24 de julho de 2021.

OLIVEIRA, Dennis. **Fronteiras do jornalismo no espaço midiático: a real dimensão da função ideológica da informação jornalística.** Trabalho apresentado durante o IX Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação, 2005. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/GT1013.pdf>>. Acesso em 29 de junho de 2021.

OLIVEIRA, Dennis. **O jornalismo alternativo na contemporaneidade**. I Curso de Difusão Cultural em JORNALISMO POPULAR E ALTERNATIVO, SP, p.5 -10, dez. 2009. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/download/88199/91077/125012>>. Acesso em 20 de julho de 2021.

OLIVEIRA, L. E. L.; GRILLO, L. P.; SANTIAGO, A. **Mídia NINJA e (ou) Jornalismo**: uma análise da narrativa livre independente. Trabalho apresentado no 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, promovido pela INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Belém – PA, 2019. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0593-1.pdf>>. Acessado em 19 de julho de 2021.

PERUZZO, C. M. K. **Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária**. Trabalho apresentado ao XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, INTERCOM/UnB, Brasília-DF, 2006. Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/116338396152295824641433175392174965949.pdf>>. Acesso em: 21 de julho de 2021.

PORTAL DA LEGISLAÇÃO. **Atos institucionais**. [S.I]. Página inicial, legislação, legislação histórica. Disponível em: <<http://www4.planalto.gov.br/legislacao/portal-legis/legislacao-historica/atos-institucionais>>. Acesso em: 24 de julho de 2021.

VOLT DATA LAB. **A Conta dos Passaralhos**. 07 de jul. de 2018. Página inicial. Disponível em: <<https://passaralhos.voltdata.info/index.html>>. Acesso em: 02 de agosto de 2021